



Maria Eurydice de Barros Ribeiro
Universidade de Brasília - UnB

A Representação Político-Religiosa do Poder Real: um estudo Iconográfico

Na Idade Média, o poder real, inicialmente legitimado pela aclamação no campo de batalha, foi aos poucos, recorrendo a rituais cada vez mais complexos. A carga sagrada e simbólica destes rituais passaram a definir a sua natureza. Paralelamente, foi iniciada a divulgação da imagem visual do monarca nos selos, nas moedas, nas iluminuras e nos afrescos. Carlos Magno foi o primeiro monarca a ser sagrado imperador, em uma cerimônia que serviu de matriz a Cristandade Ocidental. A iconografia do poder político no medievo, encontra na representação da sagração e coroação dos reis, um dos momentos de maior significado. Foi neste contexto que, as insígnias reais e a distribuição espacial e gestual dos personagens, se impuseram como elementos identificadores da cena e daqueles que dela participavam. Nela estão presentes os principais personagens da política medieval: o rei e o papa. Dois aspectos estão intimamente associados na iconografia político-religiosa da realeza: O corpus de doutrina política de dupla tradição (teológica e clássica) e o modelo ao qual os artistas recorreram para representar o monarca. Esta comunicação propõe a análise iconográfica de iluminuras provenientes de diferentes manuscritos. Pretende-se acompanhar a mudança na representação, comparando o gestual daquelas que representam a cena da coroação, com as que o monarca aparece sozinho. Enquanto as que se encontram no interior dos manuscritos imprimem sincronicamente, com o conteúdo escrito, legitimidade ao poder real, permitem ao mesmo tempo, captar na imagem um testemunho da tensão entre a Igreja e a realeza. Os gestos dos personagens indicam na pintura, a forma como o poder é partilhado e a hierarquia é entendida. A renascença carolíngia não se restringiu a um só modelo – o leque de opção foi bastante variado – o que resultou em uma variedade de representações do monarca. No decorrer da Alta Idade Média, a representação do Cristo Triunfante e do Cristo em Majestade, permitiu a criação da imagem do imperador vitorioso, transformado no jovem cristo triunfante e no imperador em majestade. A partir daí, as duas realezas (celestial e terrestre) se identificam, sem que o conflito entre os poderes imperial e papal encontre uma solução. Em última palavra, a imagem testemunha a essência do poder que representa e a tensão própria ao mundo medieval, entre os poderes temporal e espiritual.